
IRCP, 25 anos depois¹

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

R E S U M O

25 anos após a publicação do livro *Inscrições romanas do conventus Pacensis (IRCP)*, apresentam-se algumas das mais significativas descobertas epigráficas feitas posteriormente, assim como a correcção de interpretações então sugeridas.

R É S U M É

On présente les plus significatives découvertes épigraphiques faites 25 ans après la publication d'*Inscrições romanas do conventus Pacensis (IRCP)* et bien aussi quelques corrections.

A recente reflexão do Doutor Jorge de Alarcão nesta revista (2008), a propósito da inscrição referente ao imperador Aureliano em *Mirobriga (IRCP 150)*; o facto de terem passado 25 anos sobre a publicação de *IRCP*, um quartel bem fértil em novas descobertas epigráficas, idênticas iniciativas e rápido alargamento de horizontes; e a circunstância de — tal como aquela de Aureliano — outras epígrafes terem sido alvo de mais acurada análise — sugeriram-me a preparação de novo aditamento àquele livro, redigido então (importa recordá-lo) no quadro de uma dissertação de doutoramento.

Na verdade, era a primeira vez que, após a edição do *corpus* epigráfico de uma cidade, *Conimbriga* (Étienne & alii, 1976), se encarava entre nós todo um *conventus*, o *Pacensis*, ainda que deixando de parte a discussão acerca dos seus limites orientais, sempre controversa, aliás. Optámos, então, por facilitação, por manter no termo do *conventus* todo o território português do Nordeste alentejano, passível, como se sabe, de ser, afinal, pertença do *Emeritensis*, dado o achamento aí de inscrições a cidadãos da tribo Papíria, que é a de *Augusta Emerita* (Forni, 1976). E excluímos os concelhos de Moura e Serpa, por se encontrarem na margem esquerda do Guadiana, rio que se apontava como fronteira natural entre os dois *conventus* lusitanos. Permita-se-me, pois, que, para o objectivo deste texto, mantenha esta orientação, sempre discutida e discutível (cf. Alarcão, 1988, pp. 33–34).

Por outro lado, preferi usar, em *IRCP*, um estilo sintético, apontando as questões suscitadas e, sempre que possível, as soluções propostas, embora uma economia de tempo obrigasse, naturalmente, a não me demorar em circunstanciar argumentos, na perspectiva de outros ou eu próprio, em melhor oportunidade e com mais detença, voltarmos aos temas abordados. Isso fez agora — e já noutras ocasiões — o Doutor Jorge Alarcão, ao propor nova interpretação da citada epígrafe, susceptível de carrear um dado mais para que se identifique com *Mirobriga Celtica* os vestígios da cidade romana sita ao lado de Santiago do Cacém; isso fizeram, ao longo destes anos, muitos colegas.

De resto, assim entendo eu a investigação: tu lanças as pistas, com os conhecimentos que no momento deténs; teus colegas, oficiais do mesmo ofício, aí estão para corrigir, completar, aduzir novos dados, ver com outro olhar... Foi a orientação seguida, diga-se desde já, em relação a dois dos monumentos mais importantes do *conventus Pacensis*, a que adiante se fará referência: a *defixio* de Alcácer do Sal e a epígrafe, em língua “lusitana”, de Arronches. Preferimos dá-los a conhecer,

mesmo sem termos a resolução para a maioria dos problemas de interpretação e, até, de leitura que levantam.

Não será difícil para os investigadores interessados terem, agora, uma panorâmica mais completa do que é o *Corpus Inscriptionum Latinarum* do *conventus Pacensis*, uma vez que tanto o *Ficheiro Epigráfico* (= FE) como *Hispania Epigraphica* (= HEp) como *L'Année Épigraphique* (= AE) dispõem de circunstanciados e bem elucidativos índices geográficos. Além disso, a equipa responsável pela base de dados epigráficos da Península Ibérica < <http://www.eda-bea.es/> >, cuja rápida acessibilidade é de muito louvar, cuidadosamente vai efectuando as necessárias actualizações. Contudo, embora correndo o risco de errar, afigurou-se-me que, despreziosamente e sem intenção de, num primeiro momento, ser exaustivo (longe disso!), se poderia ensaiar novo aditamento a *IRCP*, a dar conta de alguns dos textos entretanto encontrados e de significativas revisões e considerações levadas a efeito.

Escreveu-se: **novo** aditamento. É que, na verdade, um primeiro aditamento se fez, onde incluí, por exemplo, as correcções constantes das microfichas inseridas num sobrescrito no fim do 2.º volume de *IRCP*. As microfichas eram, então, um estratagema totalmente inovador, que se antolhava de grandes potencialidades e que foi logo imitado, aqui e além, designadamente no estrangeiro, inclusive para publicação integral de livros. O rápido desenvolvimento das tecnologias digitais depressa, porém, o tornou obsoleto, apesar de, hoje, dele ainda podermos usar mediante acurada digitalização². Foi o que, na altura, se nos afigurou o procedimento mais ágil para incluir **a totalidade** das fotos disponíveis (e eram várias centenas...).

Esse primeiro aditamento, com as referidas correcções e a análise dos novos documentos publicados até 1986, apesar de cuidadosamente referenciado no *AE* e, depois, na *HEp*, não teve, no entanto, grande divulgação, pelo que se optou pela sua digitalização e disponibilização *on line* no Estudo Geral — Repositório Digital da Universidade de Coimbra: < <http://hdl.handle.net/10316/10906> >. O objectivo, agora, é, pois, referir alguns dos textos identificados depois dessa publicação e comentar estudos e informações acerca dos até então já estudados.

Foram 53 os novos textos cuja ficha foi dada a conhecer através do *FE* até ao volume 86, de 2007³. Trata-se, como se vê, de um número deveras significativo, a revelar o incremento que a investigação epigráfica vem conhecendo, como forma, inclusive, de melhor se recriar e compreender a história antiga da Península Ibérica.

Com efeito, as descobertas epigráficas e a cuidadosa análise do seu enquadramento histórico têm lançado — a par dos achados arqueológicos — nova luz nos mais variados aspectos da vida de então: a aculturação onomástica e religiosa, os cultos praticados, as estratégias políticas, o dinamismo social e, até, a vertente económica dum período para cuja reconstituição os documentos epigráficos desempenham, sem dúvida, papel preponderante. Noutras publicações — para além do *FE* — se incluíram também estudos de epígrafes inéditas; mas, atendendo a que se correria sério risco de algum faltar, opta-se por, nesta abordagem, não se tentar uma pesquisa exaustiva nesse sentido, preferindo privilegiar, em brevíssimas sínteses, aquilo que de novidade se nos afigura de interesse sublinhar em relação a alguns dos capítulos de *IRCP*, seguindo a ordem que já fora a adoptada por Emílio Hübner, no *CIL II*⁴.

Ossonoba

A reformulação da exposição da sala romana do Museu Municipal de Faro, que recebeu a (para mim) bem sugestiva designação de *Caminhos do Algarve Romano*, com o respectivo catálogo (Paulo, 2005), permitiu salientar o papel assumido nessa cidade pelos monumentos epigráficos, na sequên-

cia, aliás, do que idêntico projecto (ainda que não concretizado) em relação a todo o Algarve viria permitir: o volume *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, coordenado por Filomena Barata (1997), deve ser encarado como uma grande panorâmica dos conhecimentos até então adquiridos no quadro da Arqueologia e da História Antiga da região.

O mosaico do Oceano tem, obviamente, merecido particular destaque; prepara-se, neste ano de 2009, novo arranjo museográfico para a sala onde se expõe; e é, hoje, comumente aceite que os quatro personagens da sua inscrição *solum tesselasque de suo straverunt et donarunt*, ou seja, trataram de mandar pavimentar com este mosaico, como oferta, o solo de ampla sala da sede da sua corporação. A ligação ao comércio marítimo, designadamente com cidades do Norte de África (Mantas, 2000) é evidente e paulatinamente tem sido mais documentada, não só na análise estilística do próprio mosaico (Lancha, 1985) como inclusive através da comparação dos motivos decorativos patentes nas epígrafes, de que os testemunhos da Quinta de Marim continuam a ser comprovadamente elucidativos (Encarnação, 2006c; Fig. 1).

Dois monumentos, o de *Caecilia Marina* (IRCP 64) e o de *Trophime* (IRCP 70), permitiram um ensaio de demonstração como, afinal, a Epigrafia tem histórias para contar e pode ser acessível ao grande público (Encarnação, 2001–2002, 2006b); e uma revisão da epigrafia de Loulé (Encarnação, 2008b) sublinhou o facto de termos, ali, em tempo de Romanos, uma população de elevado nível cultural, com fortes influências das gentes da Península Itálica. Aliás, a ara da Quinta do Freixo (Benafim, Loulé), apesar das dificuldades de leitura e de interpretação, deixa perceber que ostenta um texto fora do vulgar e a merecer a atenção dos especialistas (Encarnação & Gonçalves, 2008).

Balsa

A actividade do Campo Arqueológico de Tavira — < www.arkeotavira.com/ > — e, nele, a acurada investigação levada a cabo por Luís Fraga da Silva, a enlaçar dados epigráficos com arqueológicos; a exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia, a dar azo à elaboração do respectivo catálogo (*Tavira, território e poder*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2003); e as já referidas reflexões de Vasco Mantas (2004), a par da minuciosa monografia que ficámos a dever a Jeannette Nolen (1994) — são três relevantes factores a contribuir para um melhor esclarecimento do que foi o importante papel desempenhado pela *Balsa* romana, mormente como entreposto portuário cuja “burguesia” deteve relações privilegiadas com as cidades africanas (IRCP 294; Encarnação 2000) e mesmo com *Olisipo*.



Fig. 1 Capitel de ara atribuível à Quinta de Marim (Quelfes, Olhão). Museu Municipal de Faro. Foto: Museu Municipal de Faro.

Claro que a epígrafe dedicada à Fortuna por *Annius Primitivus* (IRCP 73) é constantemente citada (veja-se, a título de exemplo, Andreu Pintado, 2004, pp. 223–224 e *passim*), sem que, porém, se hajam encontrado, até ao momento, paralelos para o termo *barca*, aí mencionado, seguramente ligado aos Cartagineses, nem se tenham provas de que a naumaquia organizada por aquele sêxviro se haja realizado num dos braços da ria fronteira à cidade ou (menos provavelmente) no próprio circo (IRCP 76 e 77), adaptado para o efeito, circo para que Luís Fraga da Silva (2007) já propôs uma localização, a confirmar com escavações.

De notar que é no território de *Balsa* que se encontrou a única inscrição funerária em língua grega do território português (HEp 6 1996 n.º 1041) e que a onomástica etimologicamente grega patente nalgumas das suas epígrafes — como é o caso de FE 133 — continua a merecer a maior atenção. Araceli Striano, do Departamento de Filología Clásica da Universidad Autónoma de Madrid, tem preparada para publicação uma análise exaustiva desse texto, no artigo a que deu o título “*Sycecale y Tricisma: los nombres propios de dos hermanas procedentes de una inscripción sepulcral de Tavira (Portugal)*”.

Myrtilis

Do ponto de vista da epigrafia romana, *Myrtilis* não teve, entretanto, achados tão vistosos como os que a investigação arqueológica patenteou, sobretudo no concernente à Antiguidade Tardia. Numerosas foram, porém, as epígrafes paleocristãs aí descobertas (Dias & Gaspar, 2006, n.ºs 7 a 99) e há perspectivas de mais virem a ser encontradas, uma vez que está demonstrada a importância assumida pela cidade nessa época (Lopes, 2004).

Continuo a acreditar que muitas das pedras epigrafadas da cidade romana se encontram, ainda hoje, em reutilização nas construções desta ridente “vila-museu” debruçada sobre o rio Guadiana.

Por exemplo, Mário Barroca teve a gentileza de me enviar, a 12 de Maio de 1992, fotocópia da Fig. 43 (Fig. 2), que eu desconhecía, inserida no vol. 71 (Março de 1953) do *Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, que traz a legenda “Igreja Matriz de Mértola — Pedra gravada, descoberta durante as obras”. Trata-se do texto A da inscrição IRCP 96, de que eu obtivera informação de que fora “aproveitado na reconstrução da igreja matriz”. Oxalá o haja sido sem dano e que, um dia, se recupere! Acrescente-se que a fotografia permite confirmar a interpretação que se adiantara em 1984.



Fig. 2 IRCP 96 (texto A). Foto retirada do Boletim da DGEMN.

No entanto, duas epígrafes — achadas, porém, noutros lugares — vieram reforçar um dado de que todos estávamos bem cientes, a estreita relação com o Norte de África, ao mesmo tempo que se confirmava a pertença da cidade à tribo Galéria. Foi encontrada a primeira (Fig. 3), em reutilização, na “zaouia” de Sidi Amor Kaabachi, no termo da cidade romana de *Cafsa*, actual Gafsa, na Tunísia. Estudou-a Mustapha Khanoussi (1994, pp. 1346–1349). Trata-se do epitáfio de *Lucius Messius Fructus*, mandado gravar pelo seu irmão de armas e herdeiro (*frater et heres*) *G(aius) Ampudius Tullenianus* (cf. AE 1996 1701; Le Roux, 2009, p. 287). *Fructus* está identificado como



Fig. 3 Lápide de um *urbanicianus* de Mértola. Foto de Mustapha Khanoussi.

filho de Lúcio, natural de *Myrtilis* e inscrito na tribo Galéria, o que veio provar definitivamente que essa era a tribo da cidade, como se suspeitava. Como militar da I Coorte Urbana, onde servira durante 15 anos (faleceu com 34), Fruto integrava, sem dúvida, o corpo de militares para ali destacados, vindos de Roma, nos primórdios do século II d.C., para fiscalizarem e montarem a guarda ao posto de recepção (*statio IIII publicorum Africae*) dos quatro impostos de que se tem conhecimento serem cobrados em África: o *portorium*, a *vigesima libertatis*, a *quinta* e a *vigesima venalium*, e a *vigesima hereditatium*.

A outra inscrição foi encontrada em Serpa⁵. É o epitáfio de *Caecilia Mustia*, uma *uticensis* que aí faleceu com 28 anos. Encomendou a bem ornamentada lápide (rosáceas, cachos de uvas, grinaldas...) seu marido *L. Firmidius Peregrinus*, cujo nome nos era, afinal, conhecido: morrera em *Myrtilis* aos 60 anos e a inscrição que lhe foi colocada sobre a sepultura não menciona nome de dedicante (IRCP 99). Todavia, é também ele que encomenda o monumento funerário — uma *cupa* — da sua filha *Cogitata*, falecida com apenas cinco anos de idade (IRCP 105)!

Datáveis do século II da nossa era, documentam essas três inscrições a infelicidade de *Peregrinus* e o trágico itinerário da sua vida: começou por se instalar em *Myrtilis*, onde perdeu a filha; decidiu, então, sair dali e procurar noutro local a felicidade perdida; mas, em Serpa, para onde fora, os *Fata* quiseram roubar-lhe a mulher. E eu penso que, depois disso, resolveu regressar a *Myrtilis*, onde viria a falecer. Recorde-se, porém, que se trata de um *uticense* — mais uma prova a atestar o grande relacionamento deste porto fluvial com as cidades africanas.

Contudo, esse cosmopolitismo mirtilense está igualmente atestado num outro epitáfio, dos raros que temos em poesia no território lusitano. É o do itálico Lúcio Júlio Apto (IRCP 98). Catherine Berger salientou, em 1987, a beleza dos seus dois dísticos elegíacos, aproximando — como se tem sugerido — a frase *Itala me genuit tellus* com o “primeiro verso do célebre epigrama funerário que Virgílio teria composto para si mesmo: *Mantua me genuit*”⁶; e acrescenta que a expressão *sexta peremit hiemps* é retirada, seguramente, do epigrama que Marcial compôs para a sua escrava, a menina Erotation, falecida quando tinha apenas seis anos de idade. O carácter autobiográfico que é emprestado ao poema constitui, segundo Catherine Berger, um dos seus toques de beleza a realçar.

O mesmo poema veio a merecer a atenção de Josep Corell (1988), que demoradamente o analisa do ponto de vista da métrica e do estilo, concluindo que estamos, sem dúvida, perante um “autor erudito”.

Vipasca

De novo, do aro de Aljustrel, onde se localizava *Vipasca*, apenas conheço a estela de grauvaque, achada em 1985, aquando da lavra na Herdade do Álamo do Meio (Messejana), em contexto a indicar a existência de “uma *villa* ou de um casal rústico” (Calisto, 1993). Apenas diz: *C(aius) · LABERIVS / MEDVGENVS / H(ic) S(itus) E(st)*. É típica da região a tipologia do monumento e indicia a onomástica rápida aculturação, sendo o *cognomen Medugenus* — que apenas outra vez se regista a sul do Tejo, em *Ammaia*, a identificar um cluniense (IRCP 620) — um sintoma mais de que ali se recebeu, logo nos primórdios da vinda dos Romanos, gente doutros locais da Península.

São, como é evidente, as tábuas de bronze com a legislação mineira as que mais frequentemente continuam a ser referidas, pelo seu carácter único e específico. Sergio Lazzarini (2001), por exemplo, preocupou-se, de modo particular, sobre aspectos legislativos; a segunda tábua — confirma-o — pertenceria a um conjunto de três, sendo cópia de uma ordenação geral relativa à exploração de todas as minas pertencentes ao fisco. Em forma de carta, dirigida ao responsável pelas minas pelo *procurator provinciae Lusitaniae*, cujo gabinete se terá inspirado na legislação geral do Império, opina Sergio Lazzarini; e *Ulpus Aelianus* (o destinatário da missiva) seria, sem dúvida, um liberto do imperador Adriano (117–138) devido ao seu nome de família, *Ulpus*, que é o deste imperador.

Como se sabe, está estipulado numa das tábuas que o preço de entrada nas termas era de um asse para as mulheres e de meio asse os homens. Maria Pilar dos Reis analisou essa cláusula, em 2000, e concluiu que tal determinação nada tinha a ver “com uma eventual discriminação sexual, mas sim preferentemente com o horário estipulado e com a necessidade de compensar, dessa forma, o *conductor* das grandes despesas que a exploração das termas necessariamente acarretava”. Além disso, comparando com outras termas do Império romano, verificou também que esse era, apesar de tudo, “um preço simbólico”, dado que as termas eram um bem público e frequentá-las, “um símbolo de romanização”.

A esse respeito, acrescentaria que tive ensejo de relacionar a obrigação do concessionário de ter sempre a água a uma temperatura adequada com o mosaico de S. Vitória do Ameixial (IRCP 480), em que um homem fustiga uma mulher desnudada. Identifiquei o objecto do castigo com o vasoio — utilizado para limpar as cinzas das fornalhas — e considerei a ameaça como sendo a pena que esperava a escrava encarregada de manter a temperatura ideal, caso prevaricasse e o amo ficasse... escaldado (*torritatus*), ao entrar⁷.

Mirobriga

Comecei por me referir às considerações que Jorge de Alarcão fizera em relação à inscrição dedicada, nesta cidade, ao imperador Aureliano (IRCP 150). Opina que poderemos estar em presença da minuta de um texto oficial, dado o carácter rude da gravação e que, porventura, a junção de fragmentos que eu propusera poderá não ser acertada. Recorde-se que, na verdade, eu lograra juntar, pela primeira vez, diversos fragmentos de uma placa marmórea e alinhavara, com sérias reservas, uma proposta de reconstituição. Jorge de Alarcão sublinha, com razão, que, por o nome do imperador vir em nominativo, não estamos perante uma dedicatória mas sim de um texto em que o imperador é apresentado como agente. Quanto à menção, no decorrer da epígrafe, de algo como *civitas Mirobrigensium* ou *Mirobrigensis*, não há dúvida que é uma possibilidade e não se põe nenhuma objecção nessa designação (como eu cheguei a afirmar), porque o vocábulo *civitas* (já tive

ocasião de o provar, creio, em 1985, pp. 127–128) não tem uma conotação cronológica precisa, pois não é termo de significado jurídico-administrativo: é a população no seu conjunto. As hipóteses levantadas, pois, por Jorge de Alarcão constituem uma achega de interesse — que o achado de uma epígrafe mais elucidativa poderá vir a confirmar.

Reflecti também eu, de novo, sobre a epigrafia desta cidade, em 1996, dando conta de novas leituras e epígrafes. Novidade grande foi, no entanto, a verificação, após a sua retirada da parede, de que a inscrição a Esculápio (IRCP 144) era, afinal, uma ara de boas proporções, passível de figurar num santuário. O monumento tem sido amiúde mencionado, quer por o dedicante se identificar como *medicus*⁸ quer porque a interpretação do texto oferece dúvidas, ainda que seja ponto assente referir-se aí uma festividade, porventura anual, em honra dessa divindade, o que justificaria não só a doação do médico pacense como a sua deslocação ali, em peregrinação. Mas até o carácter ‘médico’ de Esculápio foi recentemente posto em causa (cf. Mantas, 2002)...

A relação de *Mirobriga* com o porto de Sines tem, também por essa via, sido alvo de reflexão, mormente depois de ali se ter encontrado o pedestal dedicado a Marte Augusto por um liberto, sacerdote imperial⁹. Após essa descoberta, Vasco Mantas por várias vezes tem assinalado tal relação (por exemplo, Mantas, 2000).

Salacia

Novidade maior foi a descoberta, pelo saudoso João Carlos Lázaro Faria, da já atrás referida *defixio*, a primeira identificada, até ao momento, em território nacional.

Sob o título “*Salacia Imperatoria Urbs*”, apresentei, no 1.º Encontro de Arqueologia e História de Alcácer, realizado de 22 a 24 de Maio de 2009, uma síntese (a publicar nas respectivas actas) da problemática mais interessante ora em análise no quadro desta importante cidade romana. Aí me faço eco, em relação à *defixio*, dos textos em que é estudada¹⁰ e ao relevante significado que detém, como eco de práticas mágicas habituais noutras paragens do Império, designadamente no Mediterrâneo Oriental, com as quais através do seu abrigado e bem movimentado porto, as gentes de Alcácer tinham estreito relacionamento comercial e, conseqüentemente, cultural também. Anote-se que o esconjuro é feito sob invocação de Cíbele e Átis, divindades místicas orientais.

E se o santuário de S. João das Arranas, onde foi encontrada a dedicatória da flamínia Flávia Rufina a Júpiter Ótimo Máximo (IRCP 183), vai certamente, a meu ver, ganhar doravante um lugar mais destacado no âmbito da história salaciense, não há dúvida de que serão os *Cornelii Bocchi* que continuarão a merecer honras da maior atenção, pois novos documentos acabam de ser encontrados, e a ligação de *Salacia* com a capital da Lusitânia, inclusive por intermédio de um deles, arrebanhou nova consistência, de tal maneira que se prepara já, para Outubro do próximo ano [2010], uma reunião científica, em Lisboa, onde se prevê a participação de todos os especialistas que sobre esta família mais se têm debruçado.

Foi Bandeira Ferreira quem, nestes tempos mais chegados, por primeiro fez o ponto da situação acerca dos *Cornelii Bocchi* (1956). Quando fiz referência a esta sua investigação (2004), comentei, a propósito das homenagens feitas a membros desta família em *Salacia*, em *Olisipo* e em *Scallabis*: “Regista-se, desta sorte, um triângulo assaz interessante — *Salacia*, *Olisipo*, *Scallabis* — que de imediato nos faz pensar em relações económicas importantes, baseadas na produção de azeite e de ânforas, por exemplo...”. Pegou Rui Morais na ideia (2007), relacionando essa actividade, de modo particular, com o facto de um dos *Cornelii Bocchi* ter sido *praefectus fabrum*, cargo onde a vertente económica assumia, na verdade, alguma relevância, inclusive no que respeita ao abastecimento.

Marta González Herrero, após ter estudado os *Cornelii Bocchi* na sua dissertação de doutoramento, a propósito da promoção social das elites do poder lusitano-romanas (González Herrero, 2001), acabou por lhe dedicar também particular atenção em 2002 e em 2006 (González Herrero, 2002, 2006, pp. 33–45). A descoberta de um cipo nas chamadas Termas dos Cássios, em Lisboa (Diogo & Trindade, 1999), relançara, de facto, a discussão, por aí se enumerar um *cursus honorum* completo, preciosa ajuda para a compreensão de incompletas epígrafes salacienses. E se a conferência de Martín Almagro-Gorbea, no passado dia 10 de Dezembro de 2008, na Academia Portuguesa da História, sobre “Cornelio Boccho, un transmisor de la tradición literaria tartesio-turdetana?”, veio acender o interesse pelas características polifacetadas desta família, inclusive no âmbito cultural, não menos aliciante foi o facto de, no XI Coloquio Internacional de Arte Romano Provincial “Roma y las Provincias: modelo y difusión”, organizado pelo Museo Nacional de Arte Romano e pelo Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC), e realizado em Mérida, de 18 a 21 de Maio de 2009, ter sido apresentada a proposta de reconstituição de uma inscrição fragmentada, recentemente encontrada no foro provincial da cidade. Segundo os autores da comunicação — como se pode ler na p. 65 das Pré-Actas do colóquio, acessíveis em < http://oliba.uoc.edu/icac/merida/XI_CIARP_preactas.pdf > —, essa epígrafe documenta a construção do templo ao culto imperial “entre os anos 26 e 30 d.C.” e foi “encomendada a L. Cornelius Bocchus, praefectus fabrum do governador da Lusitânia L. Fulcinius Trio” e “*flamen* provincial da Lusitânia no ano 30/31 d.C.”. Por conseguinte, muito há ainda por saber!

Pax Iulia

Do ponto de vista dos monumentos epigráficos, foi importante a proposta de reconstituição de uma epígrafe, que passara despercebida (*FE* 131), e que dá conta da oferta à colónia, por parte de Augusto, no primeiro semestre do ano 2 a.C.,¹¹ das muralhas, das torres e das portas da cidade, a “atestar inequivocamente uma atenção específica” do imperador. Uma epígrafe que muito importaria reencontrar.

E se novas inscrições foram publicadas, cumpre-nos atentar, agora, nas achegas dadas a quatro dos monumentos já presentes em *IRCP*:

IRCP 229 e 240 estão incluídos num estudo de síntese sobre os *hermes*, isto é, os pedestais de bustos, provenientes da *Hispania* (Portillo, Rodríguez Oliva & Stylow, 1985, pp. 202–204).

Identifiquei *IRCP* 239 como sendo o pedestal de uma estátua equestre, a figurar, por isso, originalmente, no fórum da colónia. Trata-se do monumento a C. *Iulius Pedo*, mandado erguer pela *plebs* de *Pax Iulia* ao benemérito flâmine que, a expensas suas, supria as dificuldades de abastecimento (*annonam inlata pecunia adiutam*), cuja epígrafe foi gravada no topo de um enorme soco paralelepípedo (cf. Encarnação, 2007, no prelo).

IRCP 230: Teve Leonel Borrela a gentileza de me dar conhecimento, já em 2003, de que se encontrara esta árula, de mármore de S. Brissos, no n.º 13 do Largo dos Duques de Beja, no momento em que se ‘escavava’ a parede para se instalar uma chaminé. É intenção de ambos publicarmos o monumento, que, recorde-se, apenas era conhecido por um desenho de Cenáculo (Fig. 4), e que, certamente por o ter visto já engravado na parede, não pôde sugerir que se tratava de uma árula: mais parece um pedestal, vendo-se um pouco da moldura superior; contudo, mais uma vez se atesta o rigor com que Cenáculo desenhava, pois que o que se vê na pedra (Fig. 5) corresponde exactamente ao que nos transmitiu. Em relação ao que escrevi em 1984, direi, desde já, que se me afigura ter sido martelada uma primeira linha, onde poderia estar o teónimo; e que parece, de facto, haver

um alinhamento à esquerda, pelo que não faltarão letras nas linhas 2, 3 e 4, podendo, sem dificuldade, reconstituir-se, na l. 5, uma fórmula do género de A(nimo) L(ibens) D(ono) D(edit) (só o A terá desaparecido). Na l. 2, CENESIS estará por GENESIS, *cognomen* de etimologia grega que se encontra documentado, por exemplo, em Roma. Solin (1982, p. 1201) refere *Aburia Genesis* (CIL VI 10 465), *Aelia Genesis* (CIL VI 10 908) e *Sosia Genesis* (CIL VI 21 179). A seguir a EX não creio que haja qualquer letra; assim, a palavra seguinte poderá ser IVENTVTE[M], de preferência a IVENTVTII (com os dois II a equivalerem a E, o que não acontece no resto da epígrafe). Ler-se-ia IVVENTVTEM, não sendo de estranhar a omissão do segundo V, que outras vezes se documenta (CIL II, p. 1190); acontece, porém, que a preposição EX rege... ablativo e não acusativo! Ou seja: mantemos a ideia de que se trata de um ex-voto; o nome da divindade terá sido martelado – e não parece ser, portanto, *Iuventus*, como se pensara; a dedicante será, porventura, uma *Alphurica* (?) *Cenesis*... Aliciante seria considerar *Iuventus* um colectivo com o significado de “colégio de jovens” a que Génesis teria orgulho em pertencer...

Menos dúvidas oferece o fragmento de lintel (Fig. 6) descoberto na Rua do Sembrano e que, ora exposto já no âmbito do espólio saído dessa escavação, será publicado com mais pormenor¹². Mas não resisto a referir que se trata, mui verosimilmente, do lintel do pequeno templo dedicado por uma liberta, Júlia Saturnina, à *Bona Dea*, designação, como se sabe, aplicada a várias deusas do panteão romano, mas que, em sentido próprio, designa a deusa da fecundidade, esposa (ou filha) de Fauno. José Luís Madeira teve a gentileza de propor, a meu pedido, uma reconstituição do que poderia ter sido esse pequeno templo (Fig. 7). Mais um elemento, portanto, a demonstrar o elevado nível cultural das gentes de *Pax Iulia*, uma população em que, como já assinali (IRCP, p. 770), o número de libertos é considerável.



Fig. 4 IRCP 230: desenho do álbum de Frei Manuel do Cenáculo.



Fig. 5 IRCP 230. Foto de Leonel Borrela.



Fig. 6 Lintel dedicado à *Bona Dea*. Foto de Susana Correia.



Fig. 7 Proposta de integração da inscrição à *Bona Dea*. Desenho de José Luís Madeira.

Ebora

Interpretei como documentando a oferta de um *subsellium*, feita por *Philon* ao seu patrono *Aulus Castricius Iulianus*, a inscrição gravada no que considerei as costas de um assento do teatro, nesta cidade (Encarnação, 1986–1987, pp. 13–18; *HEp* 3, 1993, 478 = *HEp* 4, 1994, 1059 = *AE* 1990, 484). Creio ser essa uma das epígrafes mais interessantes do ponto de vista da história de *Liberalitas Iulia Ebora* achadas depois de 1986 até ao presente, precisamente por vir confirmar, se a minha interpretação está correcta, a já suspeitada existência de um teatro, onde os lugares estavam marcados consoante a categoria social (Kolendo, 1981; Serrano Delgado, 1988, pp. 218–219).

A marca LIB · IVL, gravada numa canalização de chumbo, que na mesma ocasião (Encarnação, 1986–1987, p. 7) tive ocasião de referir, prova à saciedade, tal como as moedas nela cunhadas, o nome oficial romano da cidade aposto à designação indígena *Ebora*. A circunstância de se ter recentemente chamado a atenção para a importância do teixo veio reforçar esse carácter indígena do topónimo e filiá-lo numa série a que pertence, por exemplo, *Eburobriga* (Encarnação, 2008a).

Aliás, esse domínio da Linguística prendeu-nos ultimamente a atenção no que concerne ao modo de identificação de indivíduos mencionados em epitáfios da zona rural da cidade. Assim, reflectiu-se de novo sobre *IRCP* 403 (Encarnação, 2009b), estela (Fig. 8) onde apenas se lê SITVS / MAILONI / CAENONIS / F(*ilius vel -o*), texto que permitiu uma série de observações acerca da contaminação entre a linguagem falada e a linguagem epigráfica, circunstância que também se me afigurou passível de observar noutra estela (*FE* 403), também de fora do perímetro urbano da cidade (Herdade da Torre do Lobo, Torre de Coelhoiros), que apenas diz TONGETAE / PITINNAE / F(*iliae*), sendo *Pitinna* um nome latino raro, de bem sugestivo significado concreto (a pitinha), com a singularidade da identificação através do nome materno. Por conseguinte, acentua-se esta ideia de que temos dois estratos populacionais distintos: os da urbe e os do termo rural, que — aceitando muito embora a nova linguagem — se mantêm apegados ao seu modo de falar tradicional. Aliás, essa aculturação também está patente no epitáfio de *P. Caecilius Niger* e *Caecilia Aranta*, do Monte da Serranheira, Montemor-o-Novo, que dei a conhecer em nota numa publicação sobre Cascais (Encarnação, 2001, p. 68), referido em *HEp* 6 1996 sob o n.º 1038 (Fig. 9).

Acrescente-se, em jeito de informação, que *IRCP* 382, o mais extenso texto sobre senadores do *conventus Pacensis*, serviu para uma curiosa história, em banda desenhada (Bilou & Molar, 2005); que a árula de *Vivennia Badia* (*IRCP* 382) foi vendida ao Doutor Rui Carita (da Universidade da



Fig. 8 *IRCP* 403. Foto de Francisco Bilou.



Fig. 9 Epitáfio de *Niger* e *Aranta*. Foto de Manuel Ribeiro.

Madeira), estando em curso diligências para que dê entrada no museu da cidade, onde já se encontra a imponente ara *IRCP 379*, que estava no templo¹³; e que os textos, em meu entender, forjados por André de Resende continuam a ser alvo de atenção e polémica (Stanley Jr., 1994; *HEp* 6 1996 n.º 1039; Canto, 2004; Encarnação, 2007–2008, 2009a).

O Nordeste alentejano

Breves apontamentos ainda sobre as novidades vindas a lume nesta zona do *conventus Pacensis*, que, como se disse, amiúde tem sido considerada já, em boa parte, como termo do *conventus Emeritensis*. E correcções a fazer ao que escrevi em 1984.

Antes de mais, uma referência aos trabalhos arqueológicos que estão a ser desenvolvidos na área do santuário a Endovélico, com o achado de novas inscrições e esculturas (Guerra & alii, 2003) e as reflexões que, a respeito dos seus atributos, foram feitas no catálogo da exposição *Religiões da Lusitânia* (Ribeiro, 2002; Dias, 2002). Eu próprio tive ensejo de voltar a analisar o seu culto (Encarnação, 2008).

IRCP 437: Creio, agora, que a omissão da letra final neste ex-voto a FONTAN(...) foi proposta: cada qual a completasse como entendesse, considerando a divindade na sua forma masculina ou feminina (Encarnação, 2002, 2006a, p. 143).

IRCP 578: Houve uma incongruência da minha parte, pois que, em relação à l. 4, apontei a hipótese de lá ter sido gravada a idade da mulher, quando, no comentário paleográfico, escrevi que o espaço se justificava “porque a pedra se gravou antes da morte de Aquília, desconhecendo-se, pois, a idade com que viria a falecer”. Assim foi, de facto; e, para essa l. 4, além da menção da idade, pensara-se, obviamente também, na inclusão da fórmula *H(ic) S(ita) E(st)*.

A inscrição em língua “lusitana”, de Arronches, já atrás referida (Carneiro & alii, 2008; Encarnação & alii, 2008) constitui, sem dúvida, um dos achados mais importantes, pelas grandes novidades que traz — e sobre ela muito ainda se escreverá.

A análise de manuscritos deu azo a que houvesse novidades em relação a *Ammaia*, dadas a conhecer no número especial (2009) da revista *Ibn Maruan*, da Câmara Municipal de Marvão, que teve como título *Marvão e Ammaia ao tempo das Guerras Peninsulares*, com textos de Armin U. Stylow e de Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián. As epígrafes desta cidade encontram-se, hoje, todas expostas no respectivo Centro Interpretativo, em S. Salvador de Aramenha.

Finalmente, a alusão a uma das descobertas mais sugestivas feitas por Jorge António, neste Verão de 2009, no decorrer das escavações que está a levar a efeito em Alter do Chão, porque, na sua aparente simplicidade, traz a confirmação de que ali se situava mesmo *Abelterium* (ou *Abeltirium*), como se dizia (mas não havia provas concretas): é que o oleiro *Vernaculus*, há dois mil anos atrás, foi gravando num *imbrex* as quantidades de *imbrices* que ia fazendo: 2000, 1000, 950, 800... E explicou que a oficina em que o estava a fazer se situava em... *Abeltirium!*

Como um singelo grafito, rascunhado em grosseiro *imbrex* hoje partido em diversos fragmentos (felizmente recuperados!), prova a enorme importância documental dos monumentos epigráficos, por mais insignificantes que eles pareçam!...

NOTAS

- ¹ Este trabalho integra-se no projecto de investigação do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n.º 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).
- ² Direi, nesse sentido, que disponho de bastantes cópias, que mui gostosamente facultarei a quem mo solicitar. O livro, por seu turno, encontra-se há muito esgotado e aguarda-se a possibilidade de encontrar um mecenas que apoie a respectiva digitalização, do texto e das fotos, para se disponibilizar *on line*.
- ³ São eles: FE 92, 103–107, 111, 113–117, 120, 131–134, 162, 165–168, 174, 188, 193, 194 (?), 206, 207, 221, 229, 230–233, 235, 238, 252–254, 259, 260, 278, 280, 290, 292, 295, 298, 303, 304, 362, 366, 367, 374.
- ⁴ Para um quadro mais completo dos novos monumentos do *conventus Pacensis* entretanto estudados, a consulta aos índices de *HEp* e *AE* resulta frutuosa.
- ⁵ Publiquei-a no livro sobre Serpa (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998, pp. 63 e 116, n.º 25 – cf. *HEp* 7, 1997, n.º 1154) e teci em 2000 (Encarnação, 2000, pp. 1292–1294) as considerações que ora retomo (cf. *AE* 2000 668).
- ⁶ Aproveite-se o ensejo para referir que Marc Mayer, Mônica Miró & Javier Velaza (1998, p. 81) são de opinião de que esse poema não teria sido escrito por Virgílio.
- ⁷ Desenvolvo esse tema no artigo “Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas – flagrantes de um quotidiano vivido”, em publicação n.º *Arqueólogo Português* 26, 2008, pp. 393–397.
- ⁸ Assinale-se a reedição, aumentada, pela Sociedade de Geografia de Lisboa, do opúsculo de Leite de Vasconcelos *A Medicina dos Lusitanos*, que aí tive o privilégio de apresentar, a 30 de Outubro de 2008, no âmbito de uma sessão comemorativa dos 150 anos do nascimento daquele sábio.
- ⁹ Ver Encarnação, 1996. Retomo a reflexão a esse propósito no texto “Em torno da inscrição a Marte, de Sines”, a publicar nas actas do Encontro de História do Alentejo Litoral, realizado em Sines, a 18 e 19 de Outubro de 2008, por iniciativa do Centro Cultural Emmerico Nunes.
- ¹⁰ Encarnação & Faria 2002, texto que o João incluiria depois no seu livro *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*, Lisboa, Maio de 2002, pp. 103–119. Sobre este documento, vejam-se também: *AE*, 2001, 1135; Guerra, 2003; Marco Simón, 2004.
- ¹¹ Eu propusera uma datação para o período compreendido entre 1 de Julho de 3 e 30 de Junho do ano 2 a.C. Em carta de 18.01.1991, que muito agradeço, Leonard Curchin fez-me recordar que o título de Pai da Pátria fora dado a Augusto a 5 de Fevereiro de 2 a.C., o que permitia datar esta inscrição desde esse dia a 30 de Junho, ou seja, *grosso modo*, do 1.º semestre de 2 a.C.
- ¹² Agradeço à Dra. Susana Correia ter-me dado conhecimento do achado e à Dra. Carolina Grilo a possibilidade de, em conjunto, irmos a estudar o monumento.
- ¹³ Nestes 25 anos, vários monumentos mudaram de sítio, como é natural. *IRCP* 393, por exemplo, que estava numa casa particular, deu entrada no Museu de Montemor-o-Novo; de *IRCP* 595a (= *AE* 1984, 464), que estudei na Quinta do Deão (Veiros), desconhece-se o paradeiro...

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Jorge de (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América.
- ALARCÃO, Jorge de (2008) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – V. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 103–121.
- ANDREU PINTADO, Javier (2004) - *Munificencia pública en la provincia Lusitania (siglos I–IV d. C.)*, Zaragoza: Institución “Fernando El Católico”.
- BARATA, Filomena, ed. (1997) - *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR.
- BERGER, Catherine (1987) - Virgile et Martial dans un épigramme de Mértola. *Epigraphica*. Faenza. 49, pp. 264–265.
- BILOU, Francisco; MOLAR, Teresa (2005) - *Évora romana; uma aventura de Claro e Nepociano*. Lisboa: Colibri.
- CALISTO, Judite (1993) - Uma inscrição romana (Messejana/Aljustrel). *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 277–278.
- CANTO, Alicia María (2004) - Los viajes del caballero inglés John Breval a España y Portugal: novedades arqueológicas y epigráficas de 1726. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 265–364.
- CARNEIRO, André; ENCARNÇÃO, J. d’; OLIVEIRA, Jorge de; TEIXEIRA, Cláudia (2008) - Uma inscrição votiva em língua lusitana. *Palaehispanica*. Zaragoza. 8, pp. 167–178 < <http://hdl.handle.net/10316/10752> >.
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869 e 1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II*. Berlin: Georg Reimer.
- CORELL VICENT, Josep (1988) - El epitafio poético de L. Iulius Aptus (Mértola, Portugal). *Conimbriga*. Coimbra. 27, pp. 141–151.
- DIAS, Maria Manuela Alves (2002) - O chamado “Hino a Endovélico”. In RIBEIRO, José Cardim, ed. - *Religiões da Lusitânia: loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 91–92.
- DIAS, Maria Manuela Alves; GASPAS, Catarina Isabel Sousa (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras.
- DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1999) - Homenagem a L. Cornelius Bocchus, encontrada nas termas dos Cássios (Lisboa). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 60, n.º 275.
- ENCARNÇÃO, José d’ (1985) - Reflexões sobre a epigrafia romana de Ossónoba. *Anais do Município de Faro*. Faro. 15, pp. 125–132.

- ENCARNAÇÃO, José d' (1986) - Inscrições romanas do *conventus Pacensis*: aditamento. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Évora. 1, pp. 99-109 < <http://hdl.handle.net/10316/10906> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1986-1987) - Religião e cultura na Évora dos Romanos. *A Cidade de Évora*. Évora. 69-70, pp. 5-19.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1988) - Inscrição monumental de *Pax Iulia*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 29, n.º 131.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1996a) - Monumentos epigráficos romanos do Museu de Sines. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 51.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1996b) - Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 129-146.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2000) - *L'Africa et la Lusitania*: trois notes épigraphiques. In KHANOUSSI, Mustapha; RUGGERI, Paola; VISMARA, Cinzia, eds. - *L'Africa Romana, 13. Atti del XIII convegno di studio, Djerba, 10-13 dicembre 1998*. Roma: Carocci, pp. 1291-1298.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2001) - *Roteiro epigráfico romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2001-2002) - A história de uma escrava romana. *Al'ulyā*. Loulé. 8, pp. 23-33.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2002) - O sexo dos deuses romanos. In CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, Santos; ALONSO ÁVILA, Ángeles, eds. - *Scripta antiqua in honorem Ángel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*. Valladolid: Los Coordinadores, pp. 517-525.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2003) - Quão importantes eram as gentes!... In *Tavira, território e poder*. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia, pp. 95-104.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2004) - Bandeira Ferreira, um labor de epigrafista. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. Série 122. 1-12, pp. 111-120.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2006a) - *Epigrafia: as pedras que falam*. Coimbra: Universidade.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2006b) - *Cecília Marina, Ossonobense*. Lisboa: Apenas Livros.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2006c) - La persistance esthétique africaine dans la décoration des monuments épigraphiques romains de l'Algarve. In AKERRAZ, Aomar; RUGGERI, Paola; SIRAJ, Ahmed; VISMARA, Cinzia, eds. - *L'Africa romana, 16. Atti del XVI Convegno di Studio, Rabat, 15-19 dicembre 2004*. Roma: Carocci, pp. 1939-1944.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2007) - Das inscrições em foros de cidades do Ocidente lusitano-romano, comunicação apresentada, em Dezembro de 2007, no Museu Nacional de Arte Romano, de Mérida, no âmbito do Colóquio Internacional *Cidade e Foro na Lusitânia Romana* (a publicar nas respectivas actas).
- ENCARNAÇÃO, José d' (2007-2008) - Uma inscrição romana de Évora forjada por André de Resende. *A Cidade de Évora*. Évora. II série. 7, pp. 213-218 < <http://hdl.handle.net/10316/10235> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2008a) - Eburobriga, 'cidade' do teixo. *Eburobriga*. Fundão. 5, pp. 109-120 < <http://hdl.handle.net/10316/10236> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2008b) - Epígrafes romanas de Loulé: histórias antigas por desvendar! *Al'ulyā*. Loulé. 12, pp. 23-33 < <http://hdl.handle.net/10316/10743> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2008c) - Leite de Vasconcelos e as inscrições romanas: flagrantes de um quotidiano vivido. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª série. 26, pp. 385-406 < <http://hdl.handle.net/10316/11650> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2009a) - Sertório, general romano: guerrilheiro e mito? *CEAMA*. Almeida. 3, pp. 98-105 < <http://hdl.handle.net/10316/10763> >.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2009b) - A epígrafe latina como elemento didáctico (XXV) [o quotidiano falado]. *Boletim de Estudos Clássicos*. Coimbra. 51, pp. 63-67 < <http://hdl.handle.net/10316/10744> >.
- ENCARNAÇÃO, José d'; FARIA, João Carlos Lázaro (2002) - O santuário romano e a *defixio* de Alcácer do Sal. In RIBEIRO, José Cardim, ed. - *Religiões da Lusitânia: loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 259-263.
- ENCARNAÇÃO, José d'; GONÇALVES, Maria José (2008) - Ara funerária da Quinta do Freixo (Benafim, Loulé). *Xelb*. Silves. 8:2, pp. 109-115 < <http://hdl.handle.net/10316/10508> >.
- ENCARNAÇÃO & alii (2008) = ENCARNAÇÃO, José d'; OLIVEIRA, Jorge de; CARNEIRO, André; TEIXEIRA, Cláudia - Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre). *Conimbriga*. Coimbra. 47, pp. 85-102 < <http://hdl.handle.net/10316/10754> >.
- ÉTIENNE, Robert; FABRE, Georges; LÉVÊQUE, Pierre; LÉVÊQUE, Monique (1976) - *Fouilles de Conimbriga, II: épigraphie et sculpture*. Paris: De Boccard.
- FARIA, João Carlos Lázaro (2002) - *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa: Colibri.
- FERREIRA, Fernando Bandeira (1956) - A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2.ª série. 3, pp. 87-105.

- FORNI, Giovanni (1976) - La tribu Papiria di *Augusta Emerita*. In *Augusta Emerita: actas del simposio internacional conmemorativo del bimilenario de Mérida (16-20 de noviembre de 1975)*. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, pp. 33-42.
- GONZÁLEZ HERRERO, Marta (2001) - *La promoción social de las elites del poder lusitanorromanas y su presencia en los círculos dirigentes de Roma. Siglos I-III*. Tese de doutoramento editada em CD-R pelo Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- GONZÁLEZ HERRERO, Marta (2002) - Contribución al estudio prosopográfico de los *equites* lusitanorromanos: el *cursus honorum* protagonizado por el tribuno *Lucius Cornelius Lucii filius Galeria Bocchus. Aquila Legionis*. Madrid. 2, pp. 33-57.
- GONZÁLEZ HERRERO, Marta (2006) - *Los caballeros procedentes de la Lusitania romana: estudio prosopográfico*. Madrid: Signifer Libros.
- GUERRA, Amílcar (2003) - Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 335-339.
- GUERRA, Amílcar; SCHATTFNER, Thomas; FABIÃO, Carlos; ALMEIDA, Rui (2003) - Novas investigações no santuário de Endovéllico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a campanha de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 415-479.
- IRCP = ENCARNÇÃO, José d' (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- KHANOUSSE, Mustapha (1996) - Nouveaux vestiges épigraphiques de la cité latine de Capsa (Gafsa), en Tunisie. In KHANOUSSE, Mustapha; RUGGERI, Paola; VISMARA, Cinzia, eds. - *L'Africa Romana, 11. Atti dell'XI convegno di studio, Cartagine, 15-18 dicembre 1994*. Ozieri: Il Torchetto, pp. 1341-1353.
- KOLENDO, Jerzy (1981) - La répartition des places aux spectacles et la stratification sociale dans l'Empire Romain. *Ktéma*. Strasbourg. 6, pp. 301-315.
- LANCHA, Janine (1985) - La mosaïque d'Océan découverte à Faro (Algarve). *Conimbriga*. Coimbra. 24, pp. 151-175 [tradução portuguesa em *Anais do Município de Faro*. Faro. 15, 1985, pp. 111-124].
- LAZZARINI, Sergio (2001) - *Lex metallis dicta: studi sulla seconda tavola di Vipasca*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- LE ROUX, Patrick (2009) - Soldados hispanos en el ejército imperial romano. In ANDREU PINTADO, Javier; CABRERO PIQUERO, Javier; RODÀ DE LLANZA, Isabel, eds. - *Hispania: las provincias hispanas en el mundo romano*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 283-292.
- LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. (1998) - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- LOPES, Virgílio (2004) - *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, Santiago (2006) - *Mértola: o último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MANTAS, Vasco Gil (2000) - Portos marítimos romanos. *Memórias da Academia de Marinha*. Lisboa. 8, pp. 5-60.
- MANTAS, Vasco Gil (2002) - Na mira da perfeição das artes e dos homens: *Apollo* e seu filho *Aesculapius*. In RIBEIRO, José Cardim, ed. - *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 125-130.
- MANTAS, Vasco Gil (2004) - A Lusitânia e o Mediterrâneo: identidade e diversidade numa província romana. *Conimbriga*. Coimbra. 43, pp. 63-83.
- MARCO SIMÓN, Francisco (2004) - Magia y cultos orientales: acerca de una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Atis. *MHNH*. Málaga. 4, pp. 79-94.
- MAYER OLIVÉ, Marc; MIRÓ VINAIXA, Mònica; VELAZA FRÍAS, Javier (1998) - *Litterae in titulis, tituli in litteris: elements per a l'estudi de la interacció entre epigrafia i literatura en el món romà*. Barcelona: Universitat.
- MORAIS, Rui (2007) - Contributo para o estudo da economia na Lusitânia romana. *Saguntum*. València. 39, pp. 133-140.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares - Balsa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- PAULO, Dália, ed. (2005) - *Caminhos do Algarve romano*. Faro: Câmara Municipal.
- PORTELLO GARCÍA, Rafael; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; STYLOW, Armin U. (1985) - *Porträtthermen mit Inschrift im römischen Hispanien. Madrider Mitteilungen*. Mainz. 26, pp. 185-217.
- REIS, Maria Pilar dos (2000) - O preço de entrada nas termas de *Vipasca*: um asse as mulheres, meio asse os homens. *Conimbriga*. Coimbra. 39, pp. 285-292.
- RIBEIRO, José Cardim, ed. (2002) - *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- RIBEIRO, José Cardim (2002) - *Endovellicus*. In RIBEIRO, José Cardim, ed. - *Religiões da Lusitânia - Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 79-90.
- SERRANO DELGADO, José Miguel (1988) - *Status y promoción social de los libertos en Hispania romana*. Sevilla: Universidad.
- SILVA, Luís Fraga da (2007) - *Balsa, cidade perdida?* Tavira: Campo Arqueológico; Câmara Municipal.

- SOLIN, Heikki (1982) - *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch, 1*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- STANLEY Jr., Farland H. (1994) - *CIL II 115: observations on the only *sevir iunior* in Roman Spain. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn. 102, pp. 226–236.*
- VV. AA. (2003) - *Tavira: território e poder. Catálogo da exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia; Tavira: Câmara Municipal.